

# Entre paredes e ondas

Alexandre Marinho

möb!le  
2012

Copyright © 2012 Alexandre Marinho

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Edição  
Eduardo Coelho

Projeto gráfico, Capa, Editoração e Produção Gráfica  
Leandro Collares | Móbile Editorial

Gravura de capa  
Andrés Sandoval

Obra contemplada com recursos do programa  
“Novos Autores Fluminenses – 2010/2011”  
da Secretaria de de Estado de Cultura do Rio de Janeiro

Este livro foi composto em Adobe Jenson Pro 11/14,5  
e teve a tiragem de 1.500 exemplares  
impressa pela gráfica da Editora Vozes em julho de 2012,  
sendo o miolo sobre Papel Pólen Soft 80g/m<sup>2</sup>  
e capa sobre Cartão Supremo 250g/m<sup>2</sup>.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Marinho, Alexandre  
Entre paredes e ondas / Alexandre Marinho. — Rio de Janeiro : Móbile, 2012.

ISBN 978-85-64502-16-1

1. Ficção brasileira I. Título.

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

Todos os direitos desta edição reservados à  
Móbile Editorial  
R. Senador Dantas, 80 sl. 1305  
Rio de Janeiro — RJ — 20031-922  
Tel.: (21) 2210-1787  
www.mobileditorial.com.br

# Sumário

Despertamento,	9
Poema da infância,	13
Diante do mar-menino,	19
Bagatelas e badulaques,	23
Entre paredes e ondas,	27
Vazada a página de mais um dia,	30
O beco,	32
Primeiro tratado teórico-prático do escritor de histórias,	36
O malvado Ariosvaldo,	43
Impresso homicida para concurso literário,	45
A carta,	49
Crônicas do atracadouro,	51
O monstro,	54
O livro das minudências,	65
Árvore cortada,	68
A pequena paisagem de nós dois,	71
A faca e o queijo,	75
Vingança em linha curva,	82
Sob os mistérios de um mar verde-imenso,	85
Pérola,	90
Em algum lugar escuro,	103
Conto retangular, com tábuas no chão e paredes negras,	112

# Despertamento

ANTES FOI A PALAVRA. Nasceu quando ainda noite e, desde o berço, noturna, os seus passos carregados de sonhos. Assim a palavra. Primeiro, som da imagem evocada que primeiro era. Depois, o peso indicando, moviam-se sem que lhes houvesse corpo, porque antes apenas o silêncio onde ruminâncias de sentimento e razão se ocultavam.

Daquela casa nasciam muitas letras que soavam palavras inteiras, uma chuva delas. Tudo era uma só coisa vestida de noite e as palavras permaneciam enigma vagando, de a de, no mesmo breu. Assim o nascimento do mar, um pedaço de céu embaixo, que guarda no seu mais profundo a mesma noite do princípio e seus mistérios. Mas, tudo só pôde ser movimento quando, no escuro de não se ver, um choque de palavras se fez raio e o som do trovão chamou o fogo. A luz desse encontro amanheceu as primeiras palavras para que chamassem as coisas ao aparecimento.

Uma floração de chamados pairava sem ter onde nem para, assim mesmo, como botões abotoando — um fechamento de casas. Para que de cima a baixo não se guardassem os mistérios, um pouso de palavras se fez terra: houve chão onde outras pensassem seus caminhos. Assim a água, escondida antes de adjetivos, veio pura, feito sangue de céu, misturar-se à terra. Houve, então, o barro donde brotou a palavra

imagem. O vento, aquele arrastador de sons, trouxe o sopro do levantamento que escapava dos pulmões de Deus. A palavra ergueu-se ao som de trombetas e eram duas as imagens, porque ali o vento fez a curva vendo o divino despertar.

Do alto monte roncou uma avalanche. Era a palavra morte vindo dividir-lhes o corpo e o tempo do ser. As imagens puderam movimento e seguiram para que, unidas, fossem eterna idade. Uma profecia anunciou em voz de fogo:

— Aquele que amanhece é o que será.

(O ser humano é som e movimento: imagem. Por isso a palavra rompendo o tempo, portanto o gesto quebrando o espaço, fazendo o próprio ritmo. O ser humano é beleza esteticamente imbatível; todas as curvaturas possíveis, retas e tangentes, plasticamente impossível. Plasticamente impossível, o ser humano é natureza para onde as setas apontam. É natureza para onde as setas apontam).

— Aquele que amanhece é o que será, tem muitas horas pela frente, todo um dia a se cumprir e virá e verá e virão, outro e outros, e outros, e.

Assim pregou a palavra anterior a palavra, ensinando.

“Nada é por acaso, nada é  
Dom, tudo apenas despertamento...”

Os que acordam terão a hora do maravilhamento e a hora da fome, mas há, no mais profundo da noite, quem se alimente de sono. Os adormecidos.

Serão loucos aqueles que despertarem entardecidos. Os indizíveis. Perseguidos serão pelos que temem abandonar a manhã, porque nela a luz é mansa, o mar é calmo, fresco é o hálito da terra. Ai destes!, que não sabem o canto de nosso sangue guerreiro, diz o profeta — e é um homem. Sua voz tem o corpo que seu corpo não tem. É Davi a sua palavra, hino lançado com louvor, porque a golpe e luta foi escrito:

“Paraíso à sombra não se guarda,  
Não se aguarda fruto ao céu da boca.

“Estrelas são vitórias da luz cravadas na noite.  
Infinito é um corpo que some à procura.”

Os entardecidos são filhos das montanhas onde o fogo deita, têm na pele o matiz da antenoite. Na ponta dos dedos, na saliva, no cristal dos olhos, dentro da concha do ouvido, eles têm, ou sentem, o prenúncio dos mistérios. Sabem: o amanhã é depois. Muitas noites possuem para tecer a mortalha, embalsamar o próprio corpo.

A hora da fome é o limiar do sol vertical. Adentrada a tarde é chegado o tempo do enfrentamento. Não há mais carapuça ou chapéus. A luz é fogo, queima sem maneiras de guardar. É preciso estar em comumhão. Luz se aprende não se prende.

Dentro da sombra a palidez dá contorno de morte aos amanhoados. O campo guarda sepulto os seus guardadores enquanto o fogo incendeia paraísos diante dos olhos.

Quem toca luz acende a pele. O peito que abraça, abrasa outro  
“E a chama atravessa sem queimar,  
Chamando...”

(No acendimento a ascensão.)

Dentro da noite, um jardim de homens perfeitamente perfeitos não repara na construção das aparências e, pendurados nos galhos da genealogia do mundo, são o alimento predileto dos comedores de cal.

“O sono é um  
Deus papatempo.

“Não é, no entanto,  
Mais que um terço de nós.

“Enganemos a noite  
Forjando sonhos!”

Sou aquele que amanheceu quando era noite e tudo para mim foi mistério. Atado à roda do mundo, sou o que me puxa. Não custei deixar a casa. Sentindo-me estranho a ela e fascinado pela música dos entardecidos, segui até a mais remota caverna, lá onde as paredes contavam histórias de como os antepassados apascentavam rebanhos.

Na mais recôndita pintura, a tinta era a vida da pedra latejando um pedido de tato. A pedra e a mão conversaram. O corpo se fez via, se fez veio e o sangue foi melodia vibrando na pele — pronto eu estava para nascer.

Aquecido pelo calor de minha descoberta eu dançava e cantava ouvindo os entardecidos ruidando o tear do futuro. Aprendera o fogo e poderia amanhecer as coisas e seus mistérios. Adornado estava pela luz de meu princípio.

— Aquele que amanhecer em plena noite verá o que foge ao entendimento. Desse encontro ninguém será o mesmo.

“Seus olhos ganharão mãos, suas mãos ganharão voz  
E cego ficará para que veja além do corpo.”

Antes de seus olhos, as coisas o enxergarão e virão por ele imprimir-se. Porque

“Seu nome será Chamamento.”

Como um sino, todo ele terá o dom de acordar. O que for mistério será preciso, antes, trazer à tona. Amanhecer o desconhecido com a luz da palavra. Somente então, tateá-la, bebê-la e, atravessado dela, poderá, mas não é lei, saber o despertado.

“E assim seguirá deixando pontes,  
Jamais travessias...”

## Poema da infância

GALO CHAMA RAIOS DE SOL para despertar moleque pela janela e este salta iluminado de energia. Banho frio lhe espaventa o corpo. Leite quente entra no quarto cheirando e nariz dele tem pressa em respirar a rua. Escova dentes, assenta cabelo, faz tudo rapidinho. Esfarela pão e bolo pela mesa, passa a mão numa fruta e tenta também a bunda de dona Moça, que ralha logo um passa fora nele:

— Olhe o abuso, menino! Conto pra tua mãe.

Manhazinha e o moleque, caderno mais livro embaixo do braço, desce a estradinha. Nessa tarefa Totó e Pulguento não o acompanham. “Ficam rolando barriga pro sol aqueles preguiçosos”, ele pensa. As águas estreitam o caminho dos pés dele até que chegue ao abacateiro, pouco antes da curva do rio, bem ali onde a pontezinha estropiada. De tanto balança-mais-não-cai que os meninos brincavam nela, caiu. Sorte ninguém por cima nesse dia. Agora só mesmo José doido, que vive flutuando em seu barco sobre o rio, para cumprir com a travessia do povo. Segundo o moleque, é bem mais divertido assim que pela pontezinha. Custa, às vezes, é despertar o sujeito lá de seus aluamentos. Manhã dessas tava cismado. Moleque bateu palmas e ele nem se coçou. Devagarzinho desatou amarras e foram deslizando, lento-lento, sobre a água.



— Tristeza é sal — disse José e, num ânimo difícil de encaixar naquilo que vinha sendo até então, completou — É sal que rio leva!

O moleque, espantado, precisou confirmar a frase que aquele queria:

— Sal do mar é tristeza nossa levada pelo rio?

— É isso, assim.

— E quem não tem tristeza?

— Isso não. Não tem mesmo quem não tenha. Isso não.

— E quem não tem rio?

— Só chorando. Só assim.

Daí, eles ficaram em silêncio. O tempo correndo entre os cabelos, até peixe pular dentro do barco. Pensaram, num estalo, que talvez sonho tivesse cheiro de minhoca. Porque certo era, naquele silêncio, estarem infiltrados de ideias. Mais rápido tanto no gesto quanto na palavra, o moleque contém o saracoteio do peixe e diz:

— Cavalado dado não se olha os dentes!

José doido descama essa ideia do quengo do infante. Ditados como aquele, explica, persuadem o mundo para o hábito das corrup-telas. Aquilo era um descuido do rio caído dentro do barco, cuidava ensiná-lo. Assim, dessa maneira, é peixe na água e menino na terra, lado de lá, a caminho da escola.

— E não se atrase — avisa José entregando ao garoto uma lata que, diz, tem biscoitos que Donana fez.

Moleque agradece, mas não se engana. Primeira vez até acreditou, de aguar a boca e lamber os beiços. Abriu a lata e secou-se todo quando o fez. Pensou fosse zomba de velhaco, mas logo descobriu ser essa a doidice lá do sujeito. Donana, a esposa, era morta e os biscoitos, pedrinhas que o próprio José colhia do fundo do rio. Mesmo assim o moleque agradecia, sempre. Sabia, afinal, fazer uso do presente. Fosse para munir bodoque, construir castelos, ou apostar com os outros meninos quem tirava mais quiques da água do rio. Davam disputas muito boas, faziam campeonato e tudo. Já perdera até aula por conta dessas artes. Uma vez ganhou troféu: a calcinha que Nino roubou do varal de dona Miriam. O caso deu rebuliço e teve que enterrar a prova. Sobrou para Pulguento, que desencavou a descoberta e veio abanando o rabo,

todo matreiro, com o trapo vermelho pendurado na fuça. “Pai desceu o lenho nele, coitado”, lembra o moleque, que fez promessa de não se gastar mais com isso, por enquanto.

Aperta o passo, corta caminho e come tempo. Quer estar sempre lá, na horinha, para vê-la chegar à escola. “É que naquele sol de logo cedo o cabelo dela fica bonito pra burro”, assim explicou para dona Moça enquanto esta tentava lhe ensinar uns modos de gentileza. Tudo em vão, porque o moleque se desatenta disso e aproveita o recreio é para chatear a menina Bia. Ela tem uns olhos lindos de jabuticaba e ele adora fazê-los espocarem de irritação com as suas implicâncias. Acha bonita a luz que acende neles assim.

O que é aula o moleque gasta admirando a menina. Esquece a lousa e se distrai pela imaginação. Pensa que Bia ficava era de uma boniteza sem fim se ele pudesse lhe atar as tranças com um laço feito de rio bem azul. Não teria tristeza nunca, porque bastava escorrer o laço e sacudir os cabelos para sentir-se feliz. Desatenção é tanta que ele nem vê a professora se achegando para cobrar a lição.

— Cadê a sua poesia?

— Hã?! — ele desperta. Seu caderno um emaranhado de traços tentando imitar os cachos da menina.

— É isso? — pergunta a professora e, salvo pela campainha, responde fechando caderno:

— Esse é só o título.

— E como se chama?

— A disfarçada vontade de ir embora.

— E os versos? — insiste a professora.

— Conversando lá fora — grita o moleque saindo pela janela.

Fez planos de acompanhar Bia pelo caminho e adianta-se para esperá-la depois da curva. Não quer ninguém pensando que ele a está seguindo, muito menos a própria.

“Ela mudou de rumo. Não mudou.” Cada segundo é uma espera infinita macerando seu juízo. Roí os minutos no pensamento. Cata outra flor. “Ela tá vindo acompanhada. Tá vindo sozinha. Tô lascado. Não tô. Demora. Não demora. Vem. Não vem. Vai dar certo. Não vai”...

— Que tá fazendo aí?

— Eu? — ele engasga.

Ela chegou que nem viu. É a mania besta de se enfiar em pensamento. “Que vergonha! O chão cheinho de pétala, explicar como?”

— Tá ficando abobado, é?

— Nada não — livra-se do que sobrou de flor entre seus dedos.

— Bobo e burro. Tu não mora pra lá do rio?

— Moro.

— Fugindo de casa?

— Não — aperta o passo para alcançar a menina. — Quer ajuda?

— Vai mesmo ficar me seguindo, é?

Antes que ele encontre resposta, Bia passa a mochila para os ombros dele:

— Vem, mas vem quietinho, hein.

O moleque beija os dedos em cruz garantindo a promessa e os dois seguem em silêncio, pelo menos ele.

— Não conseguiu fazer a tarefa, né? Não sei, não. É coisa de quem tá ficando bronco. Pode ser, sabia?

Os passos estalam na terra vermelha, a poeira levanta cansando ainda mais a respiração que, em silêncio, vai se cansando cada vez mais da voz dela em seus ouvidos, sem parar. Pensa que isso de fazer gentileza nem sempre é bom negócio.

— Deixa de fazer lição, fica andando à toa pra longe de casa... sei não, hein? Acaba burro. Só vai servir pra carregar peso, mais nada. É verdade.

Olhando Bia assim, com aquele sol quente por cima e a poeira ardendo por baixo, o moleque acha que ela tem o nariz um pouquinho grande e a língua também. Talvez não gostasse dela aquele tanto todo. Por isso, apressa a despedida pendurando-lhe a mochila num galho de árvore que ela não possa alcançar e sai correndo. Tem fome de estar em casa. Salta no barco batendo palmas.

— Vâmo que vâmo, José, que as tripas grandes já estão comendo as pequenininhas!

O doido, que estava cabisbaixo, se anima:

— Tristeza é sal. É sal que rio leva!

No intervalo entre uma margem e outra repetem aquela mesma conversa, igualzinho, como se nunca a tivessem conversado. Enquanto o tempo corre entre os cabelos, o moleque pensa que aquele José é doido mesmo. Não seria de admirar se o peixe tornasse a pular dentro do barco. Como não saltou, teve medo que o amigo sentisse faltar um pedaço da prosa e atirou o ditado mesmo sem motivo:

— Cavalos não se olham os dentes.

José descamou a ideia de maneira idêntica, sem tirar nem pôr. Ainda encostava o barco quando o moleque saltou para a terra.

— Agradeça Donana, os biscoitos estavam uma delícia!

— E não se atrase — balbucia José, impressionado com a rapidez do infante em devorar os biscoitos. “Deu tempo nem de oferecer”, pensou.

E não deu tempo nem de pensar, o moleque já estava pelo quintal jogando tênis para o alto e deslizando de meias no chão liso da varanda. Dona Moça que se desespera de ai-meu-deus para esfregar o custo das alegrias dele, que de uma coisa sabe: direto pro banho e sem chegar a pança perto da mesa, senão não trisca na comida.

Água fria arisca o seu corpo miúdo, faz tudo ligeiro. De cabelo desalinhado e cheio de vozes monstruosas, vem brincando devorar o almoço. Depois, limpa a boca com as costas da mão para fingir-se padre e benzer os cachorros.

— Deus te abençoe, Totó. Deus te livre, Pulguento!

Os animais, ensinados pelo cheiro, seguem o dono recheando de saltos e viravoltas o caminho até a sombra da jabuticabeira. Na caligrafia do balanço da rede os pés do moleque riscam a terra de ziguezague. Espoca jabuticabas na boca e as ideias se perdem no azul de entre as folhas. Um infinito que só o sono pode alcançar. Balangodango rangido feito aquele faz sonho aflorar colorido.

Um enorme dragão de duas cabeças quer devorar a floresta. Com suas enormes garras ele abre na terra covas sem fundo de onde escapa um hálito de fogo. Todos na face do mundo tremem de medo diante do poderoso inimigo. O único capaz de detê-lo é o incrível cavaleiro de cabelos verdes, apenas ele sabe dar nó em rios e faz chover jabuticabas.

O herói chega cavalcando um cometa. A mais perigosa luta mágica de todos os tempos se anuncia. Plaft! Um passarinho desempluma o sonho do infante que, borrado de bosta, tem Totó e Pulguento bafejando seu rosto.

— Xô! Chispa, chispa!

Munido de graveto, mesmo acordado moleque pode ser maestro e rege o desconcerto dos latidos. Sobe em pedregulho e aponta varinha para o céu carregadinho de nuvem branca. Encontra gigantes, coelhos, golfinhos, até martelos e porretes. Imagina o estrago que seria caso despencassem lá de cima e, no mesmo instante, cuida de esconder os cachorros embaixo de suas enormes asas de folha de bananeira.

— Protejam-se, amigos! Protejam-se!

Juntos reúnem fôlego para o contra-ataque. O incrível cavaleiro utiliza o seu fabuloso sopro para transformar as ameaçadoras nuvens. Faz barco, baleia, boi. Percebe, então, algo inusitado: todas as imagens começam com a letra bê. Uma pulga em sua cabeça:

“Será que é por que assoprei fazendo bico?”

Retorna ao seu esconderijo secreto, no mais alto galho da mais alta árvore, para consultar os sábios sabiás. De lá atenta para o sol avermelhando o céu enquanto se deita atrás do morro. Sabe muito bem o que isso quer dizer: “Recolha os trapos que a noite vem uivar seus assombrosos sustos.” É ligeiro em levantar acampamento. Tudo parece calmo e sob controle. Mas, de repente: tchan-tchan-tchan-tchan... Totó é Boitotó!

— Corra Pulguento, seu pangaré vagabundo, ou ele vai nos pegar!

Em meio a toda essa preocupação o moleque ainda encontra tempo para fazer poesia, uma que é invenção de graveto na terra seguindo o rastro das formigas. Tudo isso só de prova praquela nariguda da Bia que ele sabe, sim, fazer versos sem bronquite para os seus olhos lindos de jabuticaba.

## Diante do mar-menino

ESCONDIA PALAVRAS entre as páginas do dia. Um sorriso pôs no encontro da pedra com o mar. Dissera bruma — seus lábios imitando o ruído das ondas. Nas asas do pássaro deixou um olhar cortante como o voo que àquele rendeu peixe. Escama rubra escama sobre escama. O rubor mais contido escondeu.

Amava secretamente estar ali. O vento deslizava roubando confissões de seu bocejo. Virando folhas do livro da noite, viu: haviam sóis plantados no interno das linhas e acendiam vultos em movimentos de carícia. (O menino tinha sonhos por sobre as pálpebras e acordava à noite, o corpo encantado de poemas.)

A vida livrava o livro do peso eterno das palavras e o silêncio lavrava o amor, ali, de mãos dadas com o pensamento dela — a menina que olhava tanto o mar como as estrelas. Os cabelos ventados na direção dele embarçavam sorrisos e os dedos, tocados em descuido, ficaram acesos de um fogo sem luz, pelo menos ali, nas mãos enroscadas. Porque os olhos, que tinham vergonha de se encontrar, seguiam estrelados na direção do horizonte, repleto de navios e faróis.

A voz dela um manto suave aquecendo a noite:

— Esquisito, né, esse tanto de luz no mar?

— Acho não.

— Chega confundir com o que é céu.

— É o homem acendendo caminhos no mar-menino.

— E mar é menino, é?

— É.

— Sei disso não.

— Pois que é, é.

— Mar existe há tanto tempo, desde o mundo mundo.

— Que tem isso? Existir, existe. Mas não cresceu. Ó você: pequena ainda.

Ela riu, riu mesmo, porque era assim que ia pensando: tão pequena, ele também, diante os dois daquele mar imenso... — Menino como? — e sorria. Ele entendia que discordar era bom, porque fazia uns sorrisos mais lindos ainda nos lábios dela. Parecia até com o mar, mas isso ele não disse não. Preferiu ficar quieto ouvindo falar das histórias de Deus e do princípio, quando tudo era água e foi dividido e teve que enxugar um pouco para haver terra como aquela ali, em pele de pedra, onde estavam sentados.

— Então — ele disse — é menino. Encolheu, ué! É menino.

— Quem sabe por isso gosta tanto de encher e esvaziar, onda vindo e voltando...

Ele, talvez por medo de estarem concordando e a história acabar, tratou logo de dizer:

— Ainda acho que mar é menino.

Ficaram calados. Mas só até uma luz, entre as tantas que pairavam no mar...

— Apagou, viu?

— Onde?

— Ali, bem ali. De repente, bum!, sumiu. Que será?

— Não sei.

— Disse que homem andava por lá acendendo caminho. Aquele apagou. Deve ter se perdido.

Ele até que olhou firme para ela, mas só para ter a certeza de que estava mesmo de implicância com as frases dele. Então, achou jeito de dar corda ao desentendido:

— É o homem que cresce o mar.

— Que doídice é essa agora?

— Pois que é. Quando a gente cresce é que vai aprendendo o tamanho das coisas e só se cresce caso aprende. É mais ou menos assim, eu não sei explicar bem não, mas já ouvi umas conversas de gente entendida.

— Mais ou menos que você tá dizendo é o homem ser maior que o mar?

— Maior não, igual que fosse.

Falavam despreocupadamente, os dois sentados na pedra que dava com o mar. As palavras faziam nuvem ao sair da boca para a noite fria. Os corpos mais perto, descobrindo caminhos.

— As palavras. Tâmo falando nuvem sem precisar dizer.

Bafejaram a noite e despertaram novos sorrisos, ainda outros mais sinceros. Aconchegaram os corpos porque descobriam que, quanto mais quente, maior era a nuvem que podiam falar.

— Acho que sempre falamos coisas sem precisar dizer — ela disse. Ele falou que ela dissera aquilo dizendo. Ela respondeu que ele também. Ficaram, daí para frente, dizendo coisas sem falar, por um bom tempo os olhos de um dentro dos olhos do outro. Sem saber estavam confundidos com o que era confusão de céu e mar, por um bom tempo.

Contaram até três e, juntos, fizeram a maior nuvem de todas de antes.

— Assim acaba que chove — disse a menina.

Ele pensou pudesse ser bonito a chuva sobre os dois, ainda mais juntos ficariam. Mas, não choveu. Talvez, porque ela tenha pedido ficassem quietos para não fazer mais nuvem. Deve ter sido melhor assim, ela iria embora caso a chuva. Ele, que chegou a querer chovesse, gostou bem de estar como estiveram, a noite toda abraçados olhando o mar e o céu e os dois juntos, uma só coisa, juntos. São assim mesmo os acontecidos, nem sempre sabemos o de melhor. Isso ele não ficou sabendo dessa vez, coisa assim só se aprende com o tempo.



O Sol levantou sumindo com as luzes outras e ficando só ele para acender o caminho dos dois. De mãos dadas, tão lindos, ajudaram-se a levantar. Os corpos atravancados das horas longas na mesma posição.

— Parece passou uma vida inteira — ela falou. — Tâmo feito velho.

— Vai ver o mar cresceu e virou menino. Vai ver crescer é assim. E se foram rindo da história que os corpos contavam.